



A ingenuidade europeia perante o Irão: geopolítica sem memória, comentário sem História

Publicado em 2026-03-22 16:35:17



BOX DE FACTOS

- O G7, com a presença da diplomacia europeia, condenou ataques do Irão e dos seus proxies contra civis e infra-estruturas energéticas e defendeu a segurança do Estreito de Ormuz.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

balístico e regional.

- A União Europeia pediu uma moratória sobre ataques a infra-estruturas de energia e água e reforço de missões navais, insistindo na desescalada.
- O Reino Unido afirmou não dispor, até agora, de prova confirmada de que o Irão esteja a visar directamente a Europa com mísseis balísticos.
- Parte do comentário europeu continua, porém, a analisar o conflito quase apenas pela lente da resposta israelita, subestimando o papel estrutural do regime iraniano e da sua rede de proxies.



sem memória, comentário sem História

Há um momento em que a ignorância deixa de ser erro e passa a ser cumplicidade analítica. Quando um regime usa proxies, ameaça rotas vitais, projecta poder regional e ensaia intimidação estratégica, continuar a tratá-lo como simples interlocutor nervoso já não é diplomacia: é cegueira vestida de moderação.

A mais recente escalada no Médio Oriente voltou a expor a pobreza intelectual de grande parte do comentário europeu. Mesmo depois de se ver, mais uma vez, a capacidade do Irão para desestabilizar a região através de projecções directas e indirectas, mesmo depois de se tornar evidente o peso dos seus proxies sobre a segurança regional, sobre a navegação, sobre a energia e sobre a própria arquitectura de dissuasão do Ocidente, persistem vozes que reduzem todo o drama a uma fórmula preguiçosa: Israel culpado de tudo, Irão reduzido a reacção, Europa convocada para apaziguar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

décadas, investe em profundidade estratégica assimétrica, patrocina redes armadas, usa milícias, projecta intimidação regional e trata o caos como instrumento político. Quem olha para isto e vê apenas “tensão a exigir diálogo” está a confundir geopolítica com catequese.

O erro central dos comentadores: moralismo sem cartografia do poder

Uma parte do comentário ocidental tornou-se refém de uma lente estreita, quase litúrgica. Tudo é lido a partir da resposta israelita, como se a cadeia causal começasse sempre em Telavive e terminasse sempre na indignação europeia. Esta visão não percebe o essencial: o Irão não é apenas um actor nacional com interesses defensivos; é um centro de irradiação estratégica que construiu, ao longo de anos, uma rede de influência armada em vários teatros. Não é folclore regional, nem simples retórica inflamável. É arquitectura de poder.

Quando se despreza este dado, a análise degrada-se. Passa a ser uma moralina atmosférica onde o agressor estrutural se dissolve no cenário e o foco se fixa apenas na resposta visível. É cómodo, claro. Dá bom ar, permite exhibir superioridade ética, produz aplauso nos salões do costume.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

instabilidade

O regime iraniano não se limita a existir dentro das suas fronteiras. Usa a periferia como extensão do seu braço político-militar. O apoio a proxies, a capacidade de perturbação do tráfego marítimo, a pressão sobre aliados regionais do Ocidente e a instrumentalização permanente da ameaça fazem parte de uma estratégia coerente. Mesmo quando nem todos os grupos alinhados com Teerão aderem com igual intensidade ao confronto, o sistema existe, pesa e condiciona a região.

O mais extraordinário é ver tantos comentadores falarem disto como se fosse detalhe lateral. Não é. É o núcleo do problema. Sem compreender a função dos proxies, das milícias, da intimidação marítima e da ameaça balística, não se entende a ansiedade israelita, a inquietação árabe, a fragilidade dos mercados energéticos nem a permanente hesitação europeia. Fica-se apenas com slogans.

A Europa: entre lucidez diplomática e reflexo apaziguador

Convém, ainda assim, evitar a caricatura fácil. A Europa não está totalmente cega. As declarações recentes mostram que

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

também do programa nuclear, dos mísseis balísticos e das actividades regionais de Teerão. O G7, com participação europeia, condenou ataques do Irão e dos seus proxies contra civis e infra-estruturas energéticas, e reafirmou a necessidade de proteger parceiros regionais e rotas marítimas. A própria União Europeia pediu uma moratória sobre ataques a infra-estruturas críticas e reforço das missões navais.

Portanto, não é rigoroso dizer que a Europa acha simplesmente que “basta negociar”. Sabe que o regime iraniano é um risco. O que sucede é mais subtil — e talvez mais perigoso. A Europa continua a comportar-se como se toda a firmeza tivesse de ser sempre adiada para o próximo comunicado, para a próxima cimeira, para a próxima arquitectura diplomática, para o próximo equilíbrio impossível entre desescalada e realidade. Em suma: percebe o perigo, mas continua a responder-lhe como se o tempo estivesse do seu lado.

E aqui entra a velha doença europeia: a crença de que todos os actores racionais, por exaustão ou conveniência, acabarão por regressar à mesa e respeitar regras mínimas de contenção. Esta fé burocrática pode funcionar com democracias fatigadas, com Estados preocupados com reputação, ou com potências que ainda sintam vergonha

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Israel, perigo real e simplificações indecentes

Criticar decisões de Israel é legítimo. Aliás, em democracia, criticar é obrigação. Mas uma coisa é criticar opções concretas; outra é reduzir toda a equação regional à culpa exclusiva de Israel, como se do outro lado houvesse apenas susceptibilidade ferida e reacção espontânea. Essa narrativa não é apenas fraca: é indecente perante a realidade estratégica da região.

Israel olha para o Irão não como uma abstracção teórica, mas como um regime que armou, financiou, incentivou e coordenou actores hostis ao longo de anos, e que continua a combinar ambição regional, programa balístico, instrumentalização da ameaça e agressão indirecta. Ignorar esta dimensão é amputar deliberadamente a análise. É fazer comentário geopolítico com metade do mapa e quase nenhuma memória.

Sim, há também exageros e propaganda de guerra. Sim, há afirmações que exigem prudência factual, nomeadamente quando se fala de capacidade imediata para atingir a Europa. O próprio governo britânico declarou não ter, até agora, prova confirmada de que o Irão esteja a visar directamente a Europa com mísseis balísticos. Essa prudência importa. Mas

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

navegação e para a estabilidade global.

O comentário europeu e a falência da consciência histórica

O mais triste é que muitos comentadores falam do Médio Oriente como se a História tivesse começado anteontem e como se certos regimes fossem apenas produtos da irritação causada pela política ocidental. Esta explicação preguiçosa é sedutora porque absolve o analista de estudar profundamente ideologia, estratégia, redes armadas, ambição regional e doutrinas de poder. Basta invocar colonialismo, ressentimento, humilhação e reacção. O resto dissolve-se na névoa.

Mas a História é mais áspera do que isso. Há regimes que usam a negociação como tática, não como destino. Há actores que assinam, recuam, protelam, negam e reconstroem capacidade enquanto o outro lado celebra a paz provisória. Há Estados que lêem a prudência europeia não como sabedoria, mas como fadiga. E há momentos em que insistir no apaziguamento já não é virtude diplomática: é uma forma elegante de capitulação mental.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

simples: não transformar um regime que usa proxies, ameaça rotas vitais, pressiona a segurança regional e desafia a contenção estratégica numa mera vítima de más interpretações. Isso não é análise; é auto-engano.

O Irão deve ser lido pelo que faz, pelo que construiu, pelo que ameaça e pelo que representa no equilíbrio regional. Israel deve ser analisado com rigor, sem absolvições automáticas nem demonizações preguiçosas. E a Europa, se quiser continuar a chamar-se civilização estratégica, terá de perceber que negociar sem memória e comentar sem História é apenas outra maneira de caminhar, de olhos abertos, para a próxima crise.

REFERÊNCIAS INTERNACIONAIS

Reuters — *G7 ready to act to protect global energy supplies, backs Hormuz Strait security* (21 de Março de 2026).

Reuters — *France's Macron urges Iran to cease regional attacks, restore Hormuz navigation* (15 de Março de 2026).

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Reuters — *Iran says Hormuz open to all but 'enemy-linked' ships amid US threat* (22 de Março de 2026).

Reuters — *Iran spent years fostering proxies in Iraq. Now, many aren't eager to join war* (6 de Março de 2026).

Reuters — *Britain sees no evidence that Iran is targeting Europe with missiles* (22 de Março de 2026).

Francisco Gonçalves

Texto para **Fragmentos do Caos**, com o suporte editorial de **Augustus Veritas**.

Uma crónica contra a cegueira analítica, o moralismo sem cartografia e a velha tentação europeia de confundir apaziguamento com inteligência.

Frase para reflexão : Quando a Europa insiste em tratar um regime que arma proxies e ameaça rotas vitais como se fosse apenas um parceiro mal-humorado de negociação, já não está a fazer

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)